

Sob o fantasma do Iraque

Obama diz ter provas contra o Irã, mas analistas duvidam da participação de cúpula do regime

NOVA YORK e WASHINGTON

Diante do ceticismo demonstrado por especialistas e alguns governos de que o suposto complô para matar o embaixador saudita em Washington partiu da alta cúpula iraniana, o presidente Barack Obama, em sua primeira declaração sobre o caso, afirmou ter provas do envolvimento do regime de Teerã no plano. Enquanto Obama elevava o tom contra o Irã — garantindo que o país enfrentaria as sanções mais duras possíveis — renomados especialistas no assunto afirmaram que o complô destoa claramente da maneira como a inteligência iraniana atua no exterior. Muitas vezes se elevaram ainda para pedir cautela, alegando que o episódio traz à tona o fantasma de 2003, quando Washington garantiu ter provas irrefutáveis de que Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa antes de invadir o Iraque.

— Não tiramos nenhuma opção de cima da mesa em relação ao modo como vamos lidar com o Irã — ameaçou Obama.

Na ONU, a embaixadora americana Susan Rice deu detalhes sobre o caso aos países que ocupam atualmente uma cadeira no Conselho de Segurança. Enquanto Alemanha, Colômbia e Reino Unido disseram ter levado as informações “muito a sério”, Rússia e China reagiram com cautela, lembrando que muitas questões ainda estão em aberto. Por sua vez, a França — que anunciara apoio aos EUA na véspera — disse não estar segura do envolvimento da alta cúpula do governo iraniano.

— Funcionários iranianos conspiraram, mas não sei em que nível — disse o embaixador francês Gerard Araud.

Já a embaixadora brasileira Maria Luiza Ribeiro Viotti se mostrou pouco convencida, pedindo que primeiro a Justiça americana julgue o caso. Mas, se os EUA tiverem provas, a História mostra que o país terá pouca dificuldade para mobilizar o conselho contra o Irã. Fontes diplomáticas contam que Washington estuda todo tipo de ação contra o país — que voltou a negar qualquer envolvimento.

— Eles ainda não formularam um plano — disse um embaixador. — Novas sanções, uma resolução, uma condenação, tudo é possível.

O governo americano também continuou a trabalhar internamente para isolar ainda mais o Irã no cenário internacional. Depois de impor restrições à companhia Mahan Air e a cinco altos funcionários da Guarda Revolucionária iraniana, supostamente ligados a Mansur Arbabsiar e Gholam Shakuri — os dois homens indiciados até agora pelo caso — o Departamento do Tesouro americano estuda a adoção de sanções ao Banco Central do Irã para isolar o país economicamente. Por sua vez, o Departamento de Estado revelou já ter entrado em contato direto com autoridades iranianas — um passo raro desde que os dois países romperam relações diplomáticas, em 1980, meses após a Revolução Islâmica.

Mas as denúncias dos EUA contra o Irã foram recebidas com certo ceticismo por especialistas no assunto, que alertam para o alto grau de amorosismo do plano desbaratado pelo FBI.

— Eu acho muito difícil acreditar que o Irã teria confiado numa gangue não islâmica para uma missão tão sensível — disse Gary Sick, professor da Universidade de Columbia, que monitorou o país durante a Revolução Iraniana como membro do Conselho Nacional de Segurança.

Para Meir Javedanfar, analista iraniano-israelense radicado em Tel Aviv, o plano contraria os interesses do governo de Teerã.

— O Irã sabe que não suportaria uma guerra contra os EUA. E sabe também que a deterioração das relações levaria a novas sanções e maior isolamento, o que prejudica a capacidade do regime de se manter em pé.

Correspondente no Oriente Médio desde 1979, o jornalista irlandês Patrick Cockburn foi ainda mais enfático:

“Nada disso faz sentido”, diz num artigo do “Independent”. “O problema é que os EUA se comprometeram com uma versão dos fatos que, apesar de improvável, se for verdadeira, seria um verdadeiro caso de guerra contra o Irã. Será difícil para os EUA voltarem atrás”. ■

UM COMPLÔ NEBULOSO

O procurador-geral americano, Eric Holder, anunciou na terça-feira que a Justiça dos EUA descobriu um complô iraniano para matar o embaixador saudita, Adel al-Jubeir, num restaurante em Washington, e possivelmente explodir as missões diplomáticas da Arábia Saudita e de Israel



Embaixador saudita, Adel al-Jubeir



Guarda Revolucionária do Irã



Procurador-geral Eric Holder, à esquerda, e o diretor do FBI, Robert Mueller

Início de maio

Num complô batizado de Chevrolet, Mansur Arbabsiar, Gholam Shakuri (suposto membro da Guarda Revolucionária do Irã) e outros começaram a conspirar para matar o embaixador. Segundo o FBI, Arbabsiar se encontrou inúmeras vezes no México com um suposto membro do cartel Los Zetas, na verdade, um informante da agência antidrogas americana (DEA)

24 de maio

Arbabsiar viaja do Texas ao México, e pergunta ao informante como obter explosivos para atacar a embaixada saudita

23 de junho

Arbabsiar volta ao México, onde se encontra com um agente da DEA infiltrado no cartel mexicano Los Zetas. Arbabsiar diz que seus parceiros no Irã têm uma série de missões violentas para o cartel mexicano executar, inclusive o assassinato do diplomata

14 de julho

O iraniano se encontra com o informante no México, e diz que pagaria US\$ 1,5 milhão pelo assassinato do saudita. Arbabsiar diz que foi um primo no Irã, um grande general do Exército procurado nos EUA, que lhe passou a missão de contratar um matador de aluguel, com apoio do governo. Gholam Shakuri seria um intermediário no Irã

17 de julho

Os dois se encontram novamente no México, na presença do agente infiltrado da DEA, que passa ao iraniano um número de conta para o depósito. Segundo os EUA, Arbabsiar diz que pouco importa se o embaixador for morto dentro ou fora do restaurante, mesmo se outras centenas de pessoas morressem junto

20 de julho

Arbabsiar deixa o México

Mansur Arbabsiar

De 1º a 6 de agosto

O iraniano faz uma transferência do exterior por um banco de Nova York de US\$ 100 mil para a conta indicada, que na verdade é controlada pelo FBI

12 de setembro

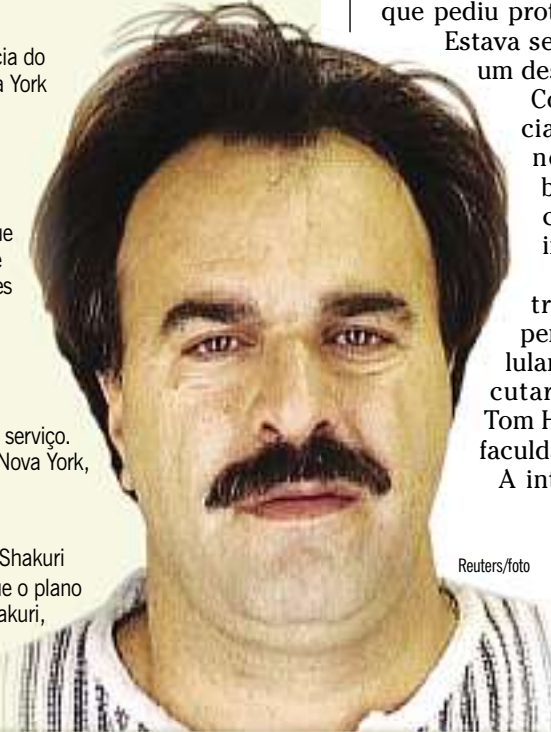
Arbabsiar diz ao informante que o assassinato do embaixador é um teste, e muitas outras ações se seguirão depois

28 de setembro

O iraniano voa para o México, depois que o informante cobra metade do valor total antes do serviço. Ele é barrado, e enviado para Nova York, onde é preso com US\$ 3.900

5 de outubro

Da prisão, Arbabsiar liga para Shakuri orientado pela polícia, e diz que o plano ainda está em andamento. Shakuri, sem saber de sua prisão, concorda que ele deve seguir adiante



Reuters/foto

Um agente mercenário e bem trapalhão

Iraniano bebia, fumava maconha e, segundo amigos, não era radical

Robert Worth e Laura Tillman

Do New York Times

● WASHINGTON. O apelido dele era Scarface, herança da facada brutal que deixou sua face marcada pelo ataque sofrido numa rua escura de Boston, três décadas atrás. Amigos e vizinhos no Texas contam que ele podia ser rude e intimidador. À noite, sempre ficava parado do lado de fora da casa, fumando e falando ao celular numa língua que eles não compreendiam.

Mas Mansur Arbabsiar, de 56 anos, parece ser mais um esperto oportunista que um assassino metódico. Nos 30 anos em que viveu no Texas, deixou um rastro de negócios falidos e credores furiosos, além de uma amarga ex-esposa que pediu proteção judicial contra ele.

Estava sempre desganhado e era um desorganizado incurável.

Conhecidos do Texas pareciam chocados diante das notícias não porque Arbabsiar não era um fanático — mas porque parecia incompetente demais.

— Ele usava as meias trocadas. Estava sempre perdendo as chaves e o celular. Não seria capaz de executar esse plano — afirmou Tom Hosseini, um ex-colega da faculdade.

A inteligência americana investiga por que a sofisticada Força Quds teria escolhido um agente tão amador quanto Arbabsiar, chamado de Jack pelos amigos. Nos últimos dois anos, ele começou a passar pequenas temporadas no Irã, e os investigadores dizem que lá criou eles com a Força Quds. Mas, Hosseini, que viu o ex-colega pela última vez há dois meses, afirma que Arbabsiar parecia estar atrás de dinheiro — e não de intriga política.

— Ele contou que esteve no Irã e que estava ganhando bem — contou Hosseini.

Que havia dinheiro envolvido não é surpresa alguma para os velhos amigos: segundo relatos, Arbabsiar não tinha qualquer interesse em política ou religião. Fumava maconha e consumia álcool livremente.

— Ele não era um radical — afirmou Mitchell Hamauei, dono de uma delicatessen em Corpus Christi, no Texas, onde Arbabsiar teve um negócio de carros usados. — Ele era um homem de negócios, e gente com dinheiro sempre quer ganhar mais dinheiro.

Alguns conhecidos tinham umas poucas palavras gentis sobre ele: simpático, bem-humorado, alguém cujas falhas eram mais uma questão de descuido que de maldade. Outros foram menos benevolentes, afirmando que o iraniano era muito pouco confiável. Sam Ragsdale, dono de uma concessionária em Corpus Christi, tinha uma palavra sobre Arbabsiar: “desprezível”.

Sua prisão causou um terremoto no Oriente Médio e nos confins do Texas, onde há uma grande concentração de imigrantes iranianos. Equipes de TV plantaram-se na porta de sua casa, em Round Rock, Austin. Ninguém atendeu a campanha, mas vizinhos dizem que Arbabsiar era como um pária no bairro — raramente cumprimentava os outros.

— Muito assustador — disse Bree Tiunmalu, que mora a duas portas de Arbabsiar. — Havia sempre muita gente indo e vindo, na faixa dos 20 anos. Mas não socializavam com as pessoas na rua. Isso levou a suspeitas de tráfico de drogas.

PERGUNTAS SEM RESPOSTAS SEGUNDO ESPECIALISTAS

1 Por que o Irã mandaria o dinheiro do assassinato por um banco, processo que deixa muitos rastros?

(Meir Javedanfar, analista iraniano especialista em Oriente Médio)

2 Por que uma unidade de elite profissional como a Força Quds agiria de forma tão amadora e assumiria riscos tão grandes de repente?

(Bob Baer, ex-agente da CIA no Oriente Médio e analista de inteligência)

3 Que importância tem um embaixador saudita nos EUA, uma vez que ele não é da família real e há outros alvos que serviriam melhor aos interesses iranianos?

(Bob Baer)

4 Por que o Irã lançaria mão de uma gangue mexicana não islâmica, sabidamente infiltrada por policiais mexicanos e americanos, para levar a cabo essa operação?

(Gary Sick, professor da Universidade de Columbia e ex-membro do Conselho Nacional de Segurança dos EUA)

5 Por que o Irã ordenaria um ataque que pode aumentar a pressão internacional sobre o país — que o regime procura diminuir, no interesse de sua própria sobrevivência — e pôr em risco suas estratégias e objetivos?

(Alireza Nader, iraniano radicado nos EUA e autor de um estudo sobre a Guarda Revolucionária)

6 Por que o serviço de inteligência do Irã usaria um ex-vendedor de carros para fazer o atentado, quando seu modus operandi é utilizar gente própria ou agentes de grupos confiáveis, como o Hezbollah e o Hamas?

(Kenneth Katzman, membro do Serviço de Pesquisa do Congresso)

7 Por que o regime iraniano, que mesmo no auge de sua campanha de assassinatos no exterior nunca mandou matar um não iraniano, tomaria tal decisão agora? Que benefício isso traria?

(Muhammad Sahimi, analista do site Tehran Bureau)

CORPO A CORPO

JUSTIN LOGAN

“Trama é estranha e deve ser investigada”

● NOVA YORK. O relato do complô para assassinar o embaixador saudita em Washington deve ser tratado com ceticismo, na opinião de Justin Logan, diretor de estudos de política externa do Cato Institute, um centro de pesquisas da capital americana. Para o especialista em estratégia internacional dos Estados Unidos, é preciso que o Congresso investigue e “a mídia americana faça o trabalho que se recusou a fazer antes da Guerra do Iraque”.

Fernanda Godoy

fgodoy@oglobo.com.br

Correspondente

O GLOBO: Quanto de cautela é necessário ao avaliar essa denúncia?

JUSTIN LOGAN: É importante notar que as primeiras pessoas a reagir foram exatamente aquelas que exigiram que os Estados Unidos invadissem o Iraque, com base em informações que não passaram por escrutínio adequado. Parecem não ter aprendido nenhuma lição dos erros anteriores. E toda a trama é tão estranha que acho que qualquer ser pensante deveria tentar preencher as lacunas dessa história.

● O senhor acredita que deveria haver uma investigação no Congresso?

LOGAN: Acho que deve haver todo tipo de

investigação. Acho que a mídia deve fazer seu trabalho, o que se recusou a fazer antes da Guerra do Iraque. Há muita lamentação sobre o comportamento da mídia naquela época, e espero que agora isso seja evitado.

● Quais são os aspectos dessa história que lhe parecem mais estranhos?

LOGAN: A ideia de que a Guarda Revolucionária do Irã acreditaria que os Zetas fariam esse acordo por US\$ 1,5 milhão é o mais exagerado, inacreditável. Os Zetas não são um grupo administrado de uma garagem, ganham bilhões de dólares por ano. Há outra pergunta mais direta: o que os iranianos esperariam do assassinato do embaixador? Um cenário como esse, com o diplomata e mais uma centena de mortos, inclusive senadores, em um restaurante, teria consequências enormes, talvez mesmo uma guerra.

● Se for verdadeira, a acusação mudaria a visão que se tem da Guarda Revolucionária Iraniana?

LOGAN: Se os iranianos seguiram esse plano incrivelmente burro, amador, isso levantaria dúvidas sobre como agiriam se tivessem um arsenal nuclear. Sendo verdade, esse caso levaria a uma reavaliação das políticas de Washington para o Irã. E tornaria muito mais fortes os argumentos daqueles que defendem uma guerra contra o país.